

COMO SERIA A CONDUÇÃO DO CASO PEQUENO HANS ATUALMENTE?

*Ferdinando Vinicius Domenes Zapparoli*¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2862-3432>

Resumo: O caso do Pequeno Hans é um estudo fundamental na psicanálise, fornecendo uma aplicação prática das teorias de Freud e ilustrando a complexidade do desenvolvimento emocional infantil. A análise da fobia de Hans oferece uma visão detalhada de como os conceitos psicanalíticos podem ser utilizados para entender e tratar questões emocionais. Embora o estudo tenha sido influente e tenha contribuído significativamente para a psicanálise, também gerou críticas que destacam a necessidade de uma análise mais crítica e a consideração de abordagens alternativas no campo da psicologia infantil. O caso de Hans continua a ser um importante ponto de referência e debate na história da psicanálise e na compreensão do desenvolvimento psíquico. Esse trabalho tem como objetivo analisar se o processo terapêutico descrito por Freud no caso do Pequeno Hans seria possível atualmente, optando-se pela metodologia de pesquisa qualitativa, amparada em uma revisão bibliográfica. Considerando que mesmo quem não deseje se apropriar dos contextos freudianos, autores como Bernard Charlot e Mariana Kupfer destacam a relevância da individualidade e da subjetividade do sujeito que apesar de singular, está submetido a uma realidade plural, conseqüentemente seu comportamento e suas perspectivas psíquicas tem diversos atravessamentos. Desta forma, questiona-se: atualmente o Pequeno Hans seria escutado ou medicalizado?

Palavras-chave: Psicanálise; Pequeno Hans; Educação; Medicalização infantil.



¹ Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática com estágio pós doutoral em Ciências da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, - UEL. E-mail: ferdinando@uel.br

HOW WOULD THE LITTLE HANS CASE BE HANDLED TODAY?

Abstract: The case of Little Hans is a fundamental study in psychoanalysis, providing a practical application of Freud's theories and illustrating the complexity of childhood emotional development. The analysis of Hans' phobia offers a detailed insight into how psychoanalytic concepts can be used to understand and treat emotional issues. While the study has been influential and has made a significant contribution to psychoanalysis, it has also generated criticism that highlights the need for a more critical analysis and consideration of alternative approaches in the field of child psychology. The case of Hans continues to be an important point of reference and debate in the history of psychoanalysis and in the understanding of psychic development. This work aims to analyze whether the therapeutic process described by Freud in the case of Little Hans would be possible today, opting for qualitative research methodology, supported by a bibliographic review. Considering that even those who don't wish to appropriate Freudian contexts, authors such as Bernard Charlot and Mariana Kupfer highlight the relevance of the individuality and subjectivity of the subject who, despite being singular, is subject to a plural reality, and consequently their behavior and psychic perspectives have various crossings. The question therefore arises: is Little Hans currently being listened to or medicalized?

Keywords: Psychoanalysis; Little Hans; Education; Medicalization of children

¿CÓMO SE TRATARÍA HOY EL CASO DEL PEQUEÑO HANS?

Resumen: El caso del pequeño Hans es un estudio fundamental del psicoanálisis, que ofrece una aplicación práctica de las teorías de Freud e ilustra la complejidad del desarrollo emocional infantil. El análisis de la fobia de Hans ofrece una visión detallada de cómo pueden utilizarse los conceptos psicoanalíticos para comprender y tratar los problemas emocionales. Aunque el estudio ha sido influyente y ha supuesto una importante contribución al psicoanálisis, también ha generado críticas que ponen de manifiesto la necesidad de un análisis más crítico y de considerar enfoques alternativos en el campo de la psicología infantil. El caso de Hans sigue siendo un importante punto de referencia y debate en la historia del psicoanálisis y en la comprensión del desarrollo psíquico. Este trabajo tiene como objetivo analizar si el proceso terapéutico descrito por Freud en el caso de Juanito sería posible en la actualidad, optando por una metodología de investigación cualitativa, sustentada en una revisión bibliográfica. Considerando que incluso aquellos que no desean apropiarse de los contextos freudianos, autores como Bernard Charlot y Mariana Kupfer destacan la relevancia de la individualidad y subjetividad del sujeto que, a pesar de ser singular, está sujeto a una realidad plural, y en consecuencia su comportamiento y perspectivas psíquicas tienen diversos cruces. Esto plantea la pregunta: ¿se está escuchando o medicalizando actualmente al pequeño Hans?

Palabras-clave: Psicoanálisis; Pequeño Hans; Educación; Medicalización de los niños.

Introdução

O “Pequeno Hans” é um caso clínico famoso descrito por Sigmund Freud em 1909. Este estudo é significativo no campo da psicanálise, pois ilustra como as teorias freudianas sobre o desenvolvimento infantil e os conflitos psíquicos podem ser aplicadas a situações reais, Hans, codinome de uma criança de cinco anos que Freud utilizou para explorar e validar suas ideias sobre a psicanálise infantil, seu nome verdade era Herbert Graf. O caso foi relatado pelo pai Hermann Graf, que era um dos seguidores de Freud e acompanhou de perto o desenvolvimento do menino, além de ter acompanhado também o tratamento da esposa. Este estudo não só ilustra as ideias centrais de Freud sobre o complexo de Édipo e a teoria da castração, mas também levanta questões significativas sobre a prática e a validade da psicanálise. Porém, nesse texto questiona-se, como seria a condução do caso atualmente. Além disso, para embasar a discussão, foram usados como embasamento teórico, as relações com o conhecimento apresentadas por Charlot e as interfaces da Psicanálise e Educação propostas por Kupfer.

Esse trabalho tem como objetivo analisar se o processo terapêutico descrito por Freud no caso do Pequeno Hans seria possível atualmente, esse tema se justifica pela quantidade de diagnósticos relacionados aos transtornos de aprendizado ou de comportamento na infância, associado muitas vezes à medicalização. Optou-se pela metodologia de pesquisa qualitativa, amparada em uma revisão bibliográfica é um componente crucial nesse processo, pois permite ao pesquisador contextualizar sua investigação dentro do que já foi estudado. Ao analisar a literatura existente, é possível identificar lacunas, debates teóricos e metodológicos, além de compreender as diversas abordagens que outros pesquisadores adotaram em sua época.

Contexto e Origem do Caso

O Pequeno Hans era um menino de cinco anos que residia em Viena, Áustria. O caso começou a ser documentado quando Hans desenvolveu uma fobia intensa e aparentemente irracional de cavalos. Essa fobia surgiu após Hans testemunhar um acidente envolvendo um cavalo na rua, o que teve um impacto emocional profundo no menino (Freud, 1909/1996b). O pai de Hans, Hermann Graf, decidiu registrar as observações sobre

o comportamento de seu filho e buscar a ajuda de Freud para entender e tratar o medo do menino. Freud foi então consultado e o pai começou a enviar relatórios detalhados sobre o comportamento e os medos de Hans. Esse acompanhamento minucioso forneceu a Freud uma rica fonte de dados para análise, permitindo-lhe explorar como as fobias do menino poderiam estar ligados a questões inconscientes mais profundas.

Hans, de acordo com os relatos de Freud e do próprio pai, era dotado de grande astúcia, comunica-se bem e bastante afetivo, o que desperta certa perplexidade. Hermann comunicava-se com Freud, frequentemente, por meio de cartas, relatando o que acontecia na rotina deles e como o menino se comportava em alguns momentos.

O Pequeno Hans desenvolveu uma fobia em relação a cavalos; numa época em que todo transporte urbano era feito por carruagens, em meados do século XX. Para o menino isso significava um transtorno enorme, uma vez que tinha dificuldade para sair de casa. Hans estava na fase que Freud denomina de complexo de Édipo, período em que ele passa a ter um interesse muito grande pelos órgãos genitais, inicialmente do seu pai e da sua mãe e o seu próprio, e posteriormente o da sua irmã recém-nascida (Freud, 1909/1996b).

Essa descoberta é natural na criança, nessa idade, quando, com curiosidade, revela intenso desejo pela mãe e, simultaneamente, um conflito diante da presença do pai. Ele compreende que não pode tomar a mãe como objeto de desejo porque a mãe pertence ao pai. Deseja então eliminá-lo, para poder ter a mãe como seu objeto, livre de sua interferência, mas possui também, sentimentos de admiração pela figura paterna, desenvolvendo assim um sentimento de ambivalência em relação ao pai. Ama o pai, mas nutre sentimentos hostis contra a figura paterna, que passa a ser empecilho na relação entre ele e a mãe. Esse contexto teórico conferido ao complexo de Édipo, se daria tanto pela descoberta da sexualidade infantil quanto do papel da fantasia e dos desejos no terreno clínico da psicopatologia, estabelecido por Freud, a partir do seu próprio exemplo, a validade universal da lenda grega como uma importante chave para a compreensão das vicissitudes do psiquismo humano (Freud, 1987).

Inspirando-se no Complexo de Édipo e configurando essa fase como a que uma criança deseja a mãe para si e ao mesmo tempo, tem o pai como figura de castração. Pode-se pensar que Hans se espelha no pai, por representar, para ele, alguém que possui o poder que ele quer para si, pois possui o que ele deseja, que é a mãe. Segundo Freud, o menino

quer ser o pai, o que gera o conflito, pois Hans entende que existe uma relação entre seus pais. Esse conflito desencadeia o medo de cavalos (Freud, 1900/1996a).

Ao se deparar com o órgão genital do cavalo, bem maior que o dele, o menino pressupõe que todos os adultos têm genitais semelhantes aos do cavalo, mas, ao deparar-se com a nudez de sua irmã e de sua mãe nua, a criança ainda não sabia que nem todo adulto tem um pênis, que apenas os homens o têm e que as mulheres não o possuem. A criança compara o pai ao cavalo e associa essa cena ao desejo que possui pela mãe. O cavalo simboliza o medo que tem do pai. Freud (1905/1996c), em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, relata que nessa fobia há três aspectos característicos: o pai é o limite do desejo e, nesse sentido, a criança tem desprezo pela figura paterna; o próprio Hans, segundo o relato do pai, em determinado momento, diz que iria substituí-lo e que desejava ser o pai na relação com a mãe, gerando o desprezo. Ao mesmo tempo, há um sentimento de admiração por ele, por ser o possuidor do objeto de desejo, ocasionando a ambivalência, e aqui temos o segundo aspecto dessa relação de objeto. O terceiro aspecto, que refere o Complexo de Édipo é a questão do caminho para o objeto de desejo; se o outro tem esse objeto, há aí certa cumplicidade, entendendo que a criança pode utilizar o companheirismo para atingir seu objeto de desejo. O próprio Hans relata ao pai um sonho em que ambos estão fugindo de um policial e há um determinado momento em que ambos se deparam com um pasto com ovelhas; ele deseja entrar no pasto porque havia uma cerca com uma corda, apenas, fechando-a, mas seu pai fala, nesse mesmo sonho, que a entrada lhes é interdita porque se trata de uma propriedade privada e que, se entrassem, talvez os dois fossem repreendidos por um policial, por meio desse sonho, Hans entende que a fala do pai aí representa uma censura ao seu desejo pela mãe (Freud, 1900/1996a).

O pequeno Hans também era repreendido pelos pais quando expressa seu desejo pela curiosidade sexual. Hans deseja ver a mãe nua, sendo muitas vezes repreendido por isso, mas seu pai também faz isso, portanto, Hans questiona por que razão ao pai isso não é algo errado. Ele sabe que ele deseja algo que é errado para ele, mas que ele, o pai, também deseja fazê-lo; nesse caso, há certa cumplicidade e seu pai talvez possa ajudá-lo a conseguir o que ele deseja. São três sentimentos intensamente conflituosos: o desprezo, de um lado; a admiração, de outro; e, ao mesmo tempo, a cumplicidade presente. Hans entende que, desejando o mesmo objeto do pai, este se torna um adversário, há, portanto, admiração e temor.

Melman (2004), comenta que Hans vai ver sua mãe e diz-lhe que está doente porque teve ereção, ou seja, ele toma a ereção por uma doença, e vai pedir à mãe que cuide dele, que cure essa doença. O que isso quer dizer? Que existem várias maneiras de impedir a ereção, uma das maneiras é castrar o gozo. Se ele possui o desejo de eliminar o pai, por desejar o mesmo objeto de amor, é cabível a Hans supor que o pai deseje, igualmente, eliminá-lo e, nesse momento, temos aí a questão do temor à castração (Melman (2004).

O pai da Hans também relatou em uma conversa com Freud a respeito de um incidente, que Hans caiu do cavalo. Freud e ele juntos levantam uma hipótese: o cavalo caído leva-o a imaginar a possibilidade de o cavalo ter morrido. Segundo Freud, existe a possibilidade de que Hans, ao ver o cavalo cair, tenha desejado, inconscientemente, que seu próprio pai caísse e morresse, pois, sendo eliminado, ele teria a mãe. Porém, de alguma forma, esse desejo, afinal, fora recalcado. Hans vivenciou um período de sensações sexuais, sentido fortes emoções com amigas imaginárias, época que transcorreu ainda mais o aumento da sua fobia. Além da fobia e da angústia, durante a noite surgia o medo de ser mordido pelo cavalo, símbolo da função de castração, delimitador de seu objeto de desejo à mãe.

O pequeno Hans reelabora sua fobia quando presencia encanadores trocando uma torneira em sua casa o que o faz concluir que se por acaso seu pênis fosse cortado, bastava colocar outro no lugar. O sucesso dessa cura se confirma quando o próprio Hebert encontra Freud aos 19 anos de idade e tem acesso aos escritos que relatam sua história, não se identificando como o pequeno Hans.

Relação com o Saber

Bernard Charlot é professor de Ciências da Educação na Universidade Paris VIII. Dedicar-se ao estudo das relações com o saber, principalmente a relação dos alunos de classes populares com o saber escolar. Charlot define sujeito como um ser humano que tem desejos e que é movido por esses desejos, constituindo-se em alguém que é aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora. Além disso, o sujeito é também um ser social, que ocupa uma posição em um espaço social e um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo dando sentido a esse mundo e à posição que ocupa nele, sendo um

exemplar único da espécie humana (Charlot, 2000). O sujeito age no e sobre o mundo, encontra a questão do saber como necessidade de aprender e como presença no mundo de objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber (Charlot, 2000); além disso, ele mesmo se produz e é produzido através da educação. Sendo assim, estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença do “saber” no mundo. (Charlot, 2000).

Segundo Charlot, assim que um sujeito nasce, ele está submetido a aprender e ninguém pode escapar dessa obrigação, pois só é possível se tornar um sujeito apropriando-se do mundo. Quando alguém adquire saber, pode assegurar um certo domínio do mundo no qual vive, pois ao comunicar-se com outros seres humanos e partilhar o mundo com eles, vivendo certas experiências, o sujeito torna-se maior, mais seguro de si, mais independente.

Qualquer relação com o saber comporta uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros, à imagem de si e à que dar de si aos outros (Charlot, 2000).

O saber apresenta-se sob a forma de objetos de enunciados descontextualizados que parecem ser autônomos, ter existências, sentido e valor por si mesmos e como tais esses enunciados são formas substancializadas de uma atividade, de relações e de uma relação com o mundo. Sendo assim, não há saber que não esteja inscrito em relações de saber, ou seja, o saber é construído em uma história coletiva que é da mente humana e das atividades do homem estando submetido a processos de validação e transmissão.

Charlot afirma que toda relação com o saber é também uma relação com o outro, o outro que me ajuda, o outro que eu admiro ou detesto. Esse outro, porém, não é apenas que está presente fisicamente, mas também o “fantasma do outro” que cada um leva em si (Charlot, 2000).

Resumindo, pode-se dizer que relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. Essa relação ainda pode ser o conjunto organizado das relações que um sujeito tem com tudo quanto estiver relacionando com o aprender e com o saber, ou ainda podemos definir relação com o saber como sendo o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um conteúdo de pensamento, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar,

uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de certa maneira com o aprender e o saber, e por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (Charlot, 2000).

O conceito de relação com o saber também se implica com o de desejo; não existe relação com o saber se não há um sujeito desejante. Porém esse desejo é desejo do outro, do mundo, de si próprio, sendo o desejo de saber, ou de aprender, uma de suas formas que advém quando o indivíduo experimentou o prazer de aprender e saber. O objeto de desejo está sempre presente, ele é o outro, o mundo, eu próprio, portanto, a relação que se particulariza e não a relação que se torna particular: o desejo do mundo, do outro e de si mesmo é que se torna desejo de aprender e saber, e não o desejo que encontra um objeto novo, o “saber” (Charlot, 2000).

De acordo com Charlot um sujeito pode ser definido como um ser vivo engajado em uma dinâmica de desejo, e, nesse caso, ele será estudado como um conjunto de aparatos articulados. O sujeito investe num mundo que para ele é espaço de significados e valores que ele ama ou não, procura ou foge. Essa dinâmica no tempo constrói a singularidade do sujeito, que não é uma misteriosa individualidade, mas o efeito de uma história que é original em cada ser humano. Essa dinâmica do sujeito mantém a dinâmica da relação com o saber, pois o sujeito é o desejo que sua relação com o saber coloca em jogo determinando o valor do que ele aprende. Desse ponto de vista, dizer que um objeto, ou uma atividade, um lugar, uma situação, etc., ligados ao saber têm um sentido, não é simplesmente, que têm uma “significação” (que pode inscrever-se em um conjunto de relações); é dizer, também que ele pode provocar um desejo, mobilizando, pondo em movimento um desejo que lhe confere valor (Charlot, 2000).

Charlot chama de relação de saber as relações sociais consideradas sob o ponto de vista do aprender. Entre o engenheiro e o operário ou o médico e o paciente, existe uma relação de saber: uma relação fundada sobre as diferenças de saber, onde, cada um mantém, por outro lado, a relação com o saber. A relação social é sobre determinada pelo saber, eles não têm os mesmos saberes, não dominam as mesmas atividades e as mesmas formas relacionais, além de existir diferenças sociais de legitimidade entre esses saberes, atividades ou formas relacionais (Charlot, 2000).

O sujeito também tem representações do saber; ele é sua relação com o saber. Não obstante, a relação com o saber inclui provavelmente representações de outras coisas, não do saber (Charlot, 2000). De maneira mais geral, a “relação com” inclui representações que não são necessariamente as representações daquilo que a relação se refere, assim, por exemplo, a relação com a escola pode envolver representações da escola, mas, também, do futuro, da família, presente e futura, do trabalho e do desemprego na sociedade de amanhã, das tecnologias modernas. Por outro lado, a representação do saber é um conteúdo de consciência (inserido numa rede de significados), enquanto a relação com o saber é um conjunto de relações. A representação da matemática é um conteúdo de consciência que concerne à matemática, mesmo que induzido pelo pesquisador a partir de um discurso mais amplo. A relação com a matemática é o conjunto das relações que um indivíduo mantém com um X (teoremas, lugares, pessoas, eventos, situações, eventos, etc.), que de alguma forma está ligada à matemática.

De acordo com Charlot, nascer é ingressar em um mundo onde se é obrigado a aprender. Mas outros precederam o sujeito, pois se não fosse assim, ele não teria nascido, o mundo no qual ele nasceu se encontra organizado, sob uma forma humana e social. Isso é verdade, pois, por mais pessoais que sejam as percepções, emoções e até mesmo as ideias, elas estão ancoradas no social.

Apropriar-se do mundo é aprender mecânica de automóvel ou história da arte, aprender brigar ou a montar cavalo, a vagar pelas ruas com os colegas, ou a trocar ideias com os amigos, a gostar de Bach ou de Picasso, não são os mesmos que aprendem essas coisas, ao menos em termos de probabilidades: a relação com o saber, conforme vimos, é uma relação social com o saber.

Para se articular as relações com o saber e do saber, pode-se analisar a relação com o saber do engenheiro, do médico, do operário ou do agricultor não é independente de sua posição social (definida não só pela origem, mas, também, pela situação atual), nem das relações de saber que ela induz. Ocupar tal ou qual lugar nas relações sociais, é estar engajado em tal ou qual tipo de relações de saber é ser autorizado incentivado e, às vezes, obrigado a investir em certas formas de saber, de atividades ou de relações. Se a relação com o saber é uma relação social, é porque os homens nascem em um mundo estruturado por relações sociais que são também relações de saber. O sujeito está imerso nessas

relações de saber, isso, porque ocupa uma posição nesse mundo. Concluindo, a relação com o saber se constrói em relações sociais de saber (Charlot, 2000).

Psicanálise e Educação: uma interseção necessária

A psicanálise, estabelecida por Sigmund Freud no final do século XIX, revolucionou a compreensão da mente humana ao introduzir conceitos como inconsciente, repressão e transferência. A educação, por sua vez, tem como objetivo formar e desenvolver as habilidades e conhecimentos dos indivíduos ao longo de suas vidas. Embora esses dois campos possam parecer separados, a integração dos princípios psicanalíticos na educação oferece uma perspectiva rica e profunda sobre o desenvolvimento humano e as dinâmicas interpessoais que influenciam o processo de aprendizagem.

Sigmund Freud propôs um modelo da mente dividido em três instâncias: o id, o ego e o superego. O id é a parte primitiva da psique, impulsionada por desejos e necessidades básicas; o ego lida com a realidade e tenta equilibrar as demandas do id e as restrições do superego; e o superego representa as normas e valores internalizados da sociedade (Freud, 1923). A psicanálise enfatiza que os conflitos internos e as experiências infantis moldam a personalidade e afetam o comportamento adulto.

Esses conceitos são fundamentais para compreender como experiências e emoções inconscientes podem influenciar o desenvolvimento e o comportamento dos indivíduos. Na infância, as experiências precoces, especialmente as relacionadas com as figuras parentais e a estrutura familiar, têm um impacto significativo na formação da personalidade. A teoria psicanalítica sugere que os conflitos não resolvidos e as experiências emocionais reprimidas podem emergir de maneiras que afetam a vida acadêmica e social de uma pessoa.

Integrar a psicanálise na educação oferece uma abordagem rica e multifacetada para compreender e apoiar o desenvolvimento dos alunos. A compreensão dos conflitos internos, a dinâmica da relação educador-aluno e o papel do desenvolvimento emocional e social são aspectos cruciais que podem ser iluminados pela teoria psicanalítica. Ao aplicar esses insights na prática pedagógica, é possível criar um ambiente educacional mais empático e eficaz, que apoia tanto o desenvolvimento intelectual quanto o emocional dos

alunos. A reflexão sobre essas interseções permite uma abordagem educacional mais holística e sensível às complexidades da experiência humana.

Como já apresentado, Freud demonstrou muito interesse na interface da psicanálise com a educação, observando os pontos em comum e de oposição entre ambas e demonstrou seu interesse pelas conexões que essas duas áreas de conhecimento poderiam construir entre si e como isso poderia ocorrer. É importante ressaltar que além dos conceitos freudianos outros propostos por Jaques Lacan, também contribuíram para a psicanálise, sendo consequentemente também relacionados com o processo de ensino e aprendizagem (Kupfer, 2005).

Desse modo a educação e a psicanálise forma um implicado emaranhado, onde os seus saberes sobre o desenvolvimento do ser humano permitiram o levantamento de questões relacionadas ao funcionamento psíquico do ser humano, à relação transferencial entre o aluno e o professor, ao prazer em aprender, que se constitui como a questão do desejo, à linguagem etc. (Lacan, 1992). Assim, a psicanálise, como fundamentação teórica, e a Educação, como discurso sócio e cultural, encontram-se em um processo de mudanças que afetou tanto uma quanto outra no que se refere suas áreas de atuação e seus atores (Ribeiro, 2014).

Enquanto Freud (1969) indicou a educação como uma das três tarefas impossíveis, sendo que as outras eram governar e psicanalisar. Kupfer (2005) teoriza que ser impossível não quer dizer que não possa ser realizável e mostra como a psicanálise foi fundamental para a educação, considerando que ela abriu um caminho para refletir sobre o que é ensinar e o que é aprender.

Kupfer destaca a importância de entender as dinâmicas emocionais e relacionais que ocorrem dentro da sala de aula. A psicanálise oferece ferramentas para interpretar as transferências e contratransferências que ocorrem entre alunos e professores. A transferência é o fenômeno pelo qual os alunos projetam sentimentos e expectativas inconscientes sobre o professor, muitas vezes baseados em experiências passadas. Por outro lado, a contratransferência refere-se às reações emocionais do professor em resposta às transferências dos alunos (Kupfer, 2008).

Compreender esses fenômenos pode ajudar a melhorar a comunicação e a relação educativa, permitindo que os professores respondam de maneira mais adequada às necessidades emocionais dos alunos. Por exemplo, um aluno que demonstra resistência ao

aprendizado pode estar projetando sentimentos de inadequação ou rejeição que precisam ser abordados de forma sensível e compreensiva (Kupfer, 2008).

Kupfer também aborda como a psicanálise pode informar as intervenções educacionais, oferecendo uma compreensão mais profunda dos conflitos internos que podem afetar o desempenho acadêmico e social dos alunos. Ela sugere que intervenções baseadas na psicanálise podem ajudar a identificar e tratar questões emocionais subjacentes que influenciam o comportamento e o aprendizado (Kupfer, 2010).

Por exemplo, intervenções que envolvem a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e emocionalmente seguro podem ajudar a melhorar a disposição dos alunos para aprender e se relacionar com os outros. Programas de apoio psicológico, que considerem o desenvolvimento psíquico das crianças e ofereçam suporte para lidar com questões emocionais, podem ser uma adição valiosa ao currículo escolar (Kupfer, 2010).

O Contexto da Medicalização

A medicalização infantil refere-se ao processo pelo qual comportamentos e experiências das crianças são interpretados e tratados como condições médicas ou psicológicas, frequentemente envolvendo intervenções farmacológicas e diagnósticos psiquiátricos. Este fenômeno tem se tornado cada vez mais comum nas últimas décadas, impulsionado por uma série de fatores, incluindo a crescente medicalização da sociedade, a influência das indústrias farmacêuticas e a ênfase crescente na normalização do comportamento infantil. A psicanálise, por sua vez, oferece uma perspectiva crítica e alternativa sobre a medicalização infantil. Desenvolvida por Sigmund Freud e ampliada por outros teóricos, a psicanálise explora a complexidade da psique humana, focando na importância dos processos inconscientes, das relações interpessoais e das dinâmicas familiares. Em contraste com o enfoque predominantemente biomédico da medicalização, a psicanálise busca compreender os aspectos subjetivos e emocionais dos comportamentos das crianças.

Esse procedimento tem como objetivo transformar comportamentos atípicos ou desafiadores, sob uma determinada óptica, em condições patológicas, frequentemente levando ao uso de medicamentos para "corrigir" esses comportamentos. Estudos como o de Peter Conrad e Deborah Potter (2000) discutem como a medicalização pode ser vista como

uma resposta social a comportamentos que são percebidos como desvios da norma. A crescente pressão para que as crianças se ajustem a padrões rígidos de comportamento e desempenho acadêmico tem contribuído para um aumento nos diagnósticos de condições como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Conrad; Potter, 2000).

Esse fenômeno é frequentemente impulsionado por uma combinação de fatores, incluindo a influência de indústrias farmacêuticas que promovem a medicação como uma solução rápida e eficaz e a pressão de pais e educadores para que as crianças se comportem de maneira "típica" (Healy, 2004). A medicalização pode levar a um enfoque excessivo em tratamentos médicos e medicamentosos, em detrimento de abordagens terapêuticas que considerem a complexidade dos fatores psicossociais.

Conclusão

O caso do Pequeno Hans é um estudo fundamental na psicanálise, fornecendo uma aplicação prática das teorias de Freud e ilustrando a complexidade do desenvolvimento emocional infantil. A análise da fobia de Hans oferece uma visão detalhada de como os conceitos psicanalíticos podem ser utilizados para entender e tratar questões emocionais. Embora o estudo tenha sido influente e tenha contribuído significativamente para a psicanálise, também gerou críticas que destacam a necessidade de uma análise mais crítica e a consideração de abordagens alternativas no campo da psicologia infantil. O caso de Hans continua a ser um importante ponto de referência e debate na história da psicanálise e na compreensão do desenvolvimento psíquico.

A teoria de Bernard Charlot sobre a relação com o saber é fundamental para entender como os indivíduos se envolvem com o conhecimento e como as práticas pedagógicas podem influenciar esse envolvimento. Charlot desenvolveu o conceito de "relação com o saber" para descrever a maneira como os alunos e os professores se relacionam com o conhecimento em contextos educacionais. Essa relação é vista como um processo dinâmico e multifacetado, que envolve dimensões emocionais, sociais e cognitivas.

Charlot argumenta que as formas como os alunos se relacionam com o saber pode ter um impacto significativo em seu desempenho acadêmico e em seu desenvolvimento

peçoal. Uma relação positiva com o saber, caracterizada por um interesse genuíno e uma valorização do conhecimento, pode promover uma aprendizagem mais profunda e significativa. Em contraste, uma relação negativa, marcada por desinteresse ou frustração, pode levar a dificuldades no aprendizado e ao abandono escolar.

As ideias de Charlot têm importantes implicações para a prática educativa. Ele sugere que os educadores devem considerar não apenas o conteúdo a ser ensinado, mas também como criar condições que favoreçam uma relação positiva com o saber. Isso pode incluir: Promoção do interesse e da motivação desenvolvendo estratégias pedagógicas que conectem o conteúdo com os interesses e as experiências dos alunos, tornando o aprendizado mais relevante e engajador. Apoio emocional, oferecendo um suporte emocional para ajudar os alunos a superar desafios e a construir uma relação positiva com o conhecimento e a contextualização social, reconhecendo e valorizando o contexto social e cultural dos alunos, promovendo um ambiente educacional inclusivo e respeitador das diversas experiências de vida.

A abordagem de Bernard Charlot sobre a relação com o saber oferece uma visão abrangente e multifacetada sobre como o conhecimento é experienciado e valorizado no contexto educacional. Suas ideias destacam a importância de considerar as dimensões emocionais e sociais da aprendizagem, além das cognitivas, para promover uma educação mais eficaz e inclusiva.

Mariana Kupfer oferece uma visão integrativa da psicanálise na educação, abordando como o conhecimento psicanalítico pode enriquecer a prática pedagógica e o entendimento das necessidades emocionais das crianças. Ela enfatiza que a educação não pode ser separada do contexto emocional e psíquico dos alunos. Segundo Kupfer, a prática educativa deve considerar os aspectos inconscientes que influenciam o comportamento e a aprendizagem das crianças, proporcionando uma abordagem mais holística e empática no ensino. Kupfer contribui para a compreensão da psicanálise na educação ao enfatizar a importância de considerar os aspectos emocionais e inconscientes no processo educativo. Sua abordagem sugere que a prática pedagógica pode ser significativamente enriquecida pela integração de conceitos psicanalíticos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais empático e compreensivo. A aplicação dos princípios psicanalíticos pode ajudar a resolver conflitos emocionais, melhorar a dinâmica entre alunos e professores e apoiar o desenvolvimento integral das crianças.

A medicalização infantil e a psicanálise representam abordagens diferentes para entender e tratar os comportamentos das crianças. A medicalização tende a focar em diagnósticos e tratamentos farmacológicos, enquanto a psicanálise oferece uma visão mais profunda da complexidade emocional e psíquica das crianças. Ambas as abordagens têm seus méritos, mas é essencial considerar uma perspectiva holística que possa integrar aspectos médicos e psicodinâmicos, promovendo um atendimento mais completo e sensível às necessidades das crianças.

A medicalização infantil tende a simplificar o entendimento dos comportamentos das crianças ao classificá-los como sintomas de transtornos específicos. Essa abordagem pode desconsiderar a complexidade do desenvolvimento infantil e as múltiplas influências que moldam o comportamento das crianças, como fatores emocionais, sociais e familiares. Uma das consequências mais diretas da medicalização é o aumento do uso de medicamentos para tratar condições como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora esses medicamentos possam oferecer alívio dos sintomas, há preocupações sobre os efeitos colaterais e as implicações a longo prazo para a saúde física e mental das crianças. Estudos mostram que o uso prolongado de medicamentos psicoativos pode ter efeitos adversos no crescimento, no desenvolvimento e no bem-estar geral das crianças.

A medicalização pode levar à estigmatização das crianças diagnosticadas com transtornos. Ser rotulado com um diagnóstico pode afetar a autoimagem da criança e sua interação com colegas e professores. A rotulação pode levar a um sentimento de inadequação e à internalização de um "rótulo" negativo, o que pode impactar a autoestima e a motivação da criança. Além disso, o foco excessivo em diagnósticos pode desviar a atenção das necessidades individuais e da promoção de um ambiente educativo mais inclusivo e compreensivo.

Considerando todas as argumentações aqui apresentadas onde Freud, mesmo sem atender o pequeno Hans, esteve atento à toda subjetividade apresentada no caso, inclusive relatada pelo pai, que também se atentou a todos os detalhes, procurando não desconsiderar nenhum detalhe, tendo paciência para esperar o desencadear do tratamento. Bernard Charlot que demonstra como as relações com o saber são atravessadas pelos interesses pessoais, mas também pela exigência social e dos pares, constituindo de maneira singular e subjetiva de acordo com a realidade de cada indivíduo. Além da Mariana Kupfer que

destaca a fundamental importância de se atentar à subjetividade e à realidade do sujeito que está na sala de aula, considerando como o seu psiquismo se faz presente e de como esses atravessamentos, constituem e afetam seu aprendizado.

Considerando que mesmo quem não deseje se apropriar dos contextos freudianos, tem-se outros autores que destacam a relevância da individualidade e da subjetividade do sujeito que apesar de singular, está submetido a uma realidade plural, questiona-se: atualmente o Pequeno Hans seria escutado ou medicalizado?

Referências

- CHARLOT, Bernard. *A relação com o saber: o impacto das práticas educativas e a formação dos indivíduos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- CONRAD, Peter; POTTER, Deborah. *A medicalização da vida: problemas de saúde e diagnóstico*. São Paulo: Edusp, 2000.
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago. 1923. v. 19. Edição Standard Brasileira das obras completas.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago. 1969. v. 8. Edição Standard Brasileira das obras completas.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 7. Edição Standard Brasileira das obras completas.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. v. 4, p. 1- 229. Trabalho original publicado em 1900.
- FREUD, Sigmund. Duas histórias clínicas o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. v. 10, p. 1-1632. Trabalho original publicado em 1909.
- FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. v. 7, p. 119-126. Trabalho original publicado em 1905.
- HEALY, David. *A criação da psicofarmacologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- KUPFER, Maria Cristina. *Escola e a psicanálise: a dimensão emocional da educação*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.
- KUPFER, Maria Cristina. *O papel da psicanálise na prática educacional: conceitos e aplicações*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

KUPFER, Maria. Cristina. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione Editora, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1992.

MELMAN, Charles. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2004

RIBEIRO, Márden de Pádua. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 39, p. 23-30, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003 Acesso em: 21 out. 2024.

Recebido em: 15 de agosto de 2024

Aceite em: 13 de novembro 2024